

EXPOSIÇÃO: ERA UMA VEZ UMA ESCOLA...



A Faculdade de Educação da UFMG realizou, no período de 11 a 28 de outubro de 1990, no Centro Cultural da UFMG, a exposição " ERA UMA VEZ UMA ESCOLA ...Memória Pedagógica da Escola em Minas Gerais ". Reunindo fotos, móveis, objetos escolares, livros, documentos, depoimentos, a exposição mostrou um pouco da trajetória da escola mineira, suas condições materiais, a sua organização, o ambiente escolar, a metodologia de ensino. Parte integrante do programa desenvolvido pela Faculdade de Educação em comemoração ao Ano Internacional da Alfabetização, sua apresentação se fez acompanhar de um programa de conferências, vídeos e filmes, visando a levar ao público visitante os resultados dos trabalhos de pesquisa que a Universidade Federal de Minas Gerais vem desenvolvendo nas áreas de História da Educação, Alfabetização, Leitura e Escrita.

A instituição, pela UNESCO, do Ano Internacional da Alfabetização, como toda a data comemorativa é, sobretudo, um marco simbólico, impregnado de conteúdo político e ideológico. Seu objetivo consiste em forçar os países a refletir sobre sua situação nesta área e estimular por parte do governo e da sociedade o compromisso com o estabelecimento de planos de ação visando estender ao enorme contingente humano privado do acesso à cultura letrada melhores condições de participação nos destinos de seu país, de interferência nas decisões e de expressão de seus interesses e pontos de vista - existem atualmente no mundo cerca de 889 milhões de analfabetos e mais de 100 milhões de crianças na faixa etária de 7 a 14 anos se encontram fora da escola.

O Ano Internacional da Alfabetização, longe, pois, de ter o caráter de comemoração, pretende ser um marco no sentido de obter, junto aos países filiados à UNESCO, o compromisso no sentido de levar à frente um programa de universalização da leitura e da escrita, até o ano 2.000.

Para o Brasil, trata-se de uma meta ambiciosa, se considerarmos nossa situação nesta área. Segundo dados do IBGE, 31,417 milhões são analfabetos - o que significa 25,77% da população. À sua frente encontram-se apenas Haiti, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Honduras e República Dominicana. Estes dados tornam-se mais expressivos se considerarmos, como lembra Magda Soares, que o significado da alfabetização em nossa sociedade ultrapassa de muito

a mera aquisição de uma técnica - saber ler e escrever - a alfabetização é, fundamentalmente, um processo político através do qual os grupos excluídos dos direitos sociais, civis e políticos têm acesso a bens culturais, que lhes são sonegados e que são um capital indispensável na luta pela conquista desses direitos, pela participação no poder e pela transformação social.

Nesta perspectiva, nossos altos índices de analfabetismo devem ser considerados dentro do quadro de miséria, pobreza e marginalidade que caracterizam nossa sociedade. E sua solução é impossível sem ganhos sociais reais para a maioria da população, pois a história não registra exemplos de democracia educacional sem democracia social.

Embora o problema do analfabetismo seja basicamente uma questão de ordem político-social, à medida que o processo de alfabetização se sistematiza na escola, instituição historicamente incumbida da transmissão da cultura, ela tem uma dimensão pedagógica que não pode ser desprezada. E é esta dimensão pedagógica que pretendemos destacar nesta exposição, traduzindo, em linguagem museológica, aspectos do trabalho desenvolvido pela escola mineira no campo da leitura e da escrita, no período compreendido entre 1900 e 1970.

O nosso fio condutor na recuperação desse passado foi a própria escola, e para isso, lançamos mão de objetos, fotografias, móveis, livros, cadernos, etc. O caminho escolhido justifica-se pelo fato de a sociedade atribuir à escola a responsabilidade de alfabetizar e, neste sentido, como afirma Magda Soares, "a história da alfabetização se identifica com a história da escola". Como processo de aquisição de um conhecimento, a alfabetização se operacionaliza em métodos que não se produzem ao vazio. Refletem eles uma certa concepção de aluno e de escola, têm um significado social. Por isso nossa preocupação em situá-los no ambiente em que foram aplicados. O prédio, a disposição das carteiras, os recursos de que dispõe a escola para execução do ato pedagógico além de expressarem a concepção de ensino predominante na época, refletem o que se espera da escola e a importância a ela atribuída pelo Estado e pela sociedade como instituição formadora do indivíduo. Encarada sob este prisma, a história da escola pode ser a história das condições de inserção das classes populares no processo político - social do País.

Enquanto privilégio de uma classe, enquanto instituição abertamente destinada às classes dominantes, a escola merecia atenção das autoridades, sendo vista, como indicam seus prédios, seu mobiliário, o rigor com o conteúdo a ser ensina-

do, uma instituição importante para a inserção do indivíduo na sociedade. À medida que ela passa a ser proclamada "um direito de todos" torna-se uma instituição produtora de analfabetos, expressando em seu ambiente, em suas práticas, nas condições para a realização do ato pedagógico, os padrões de democratização de uma sociedade que tem no acesso a melhores condições ao exercício da cidadania um privilégio e na exclusão, uma de suas bases.

✓ Reverter este quadro significa reverter o curso da história da escola e, para isso, como nos recomenda Gramsci, o primeiro passo é a realização de um inventário. "ERA UMA VEZ UMA ESCOLA" se propõe cooperar com este inventário necessário e urgente.

Necessário, porque julgamos fundamental o ontem para a compreensão do hoje. E urgente porque os dados relativos à educação no País ou vêm-se perdendo pela ausência de preocupação com a preservação de nossa memória ou se acham de tal maneira dispersos que em breve já não será possível reconstituir este importante aspecto do nosso passado cultural.

Iniciativa do recém-criado Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, "ERA UMA VEZ UMA ESCOLA" resulta de um trabalho de pesquisa realizado por professores da Faculdade de Educação com a colaboração do Prof. Bartolomeu Campos de Queiróz - especialista da Secretaria de Estado da Educação - da Biblioteca Estadual Prof. Luiz Alves de Bessa, do Museu Mineiro, do museógrafo Luiz Augusto de Lima e do esforço de entidades ligadas ao setor público e particular. Ela apresenta os resultados de uma busca realizada nas escolas primárias de Belo Horizonte, em especial as tombadas pelo SPHAN, em cidades vizinhas como Sabará, Itabirito, Santa Luzia, em museus e bibliotecas e junto a educadores. "ERA UMA VEZ UMA ESCOLA" tem entre seus objetivos chamar a atenção dos órgãos governamentais e da sociedade em geral para a importância da preservação da escola e de sua memória, e estimular nossos trabalhos nesse sentido.

Com ela, a Faculdade da Educação da UFMG expressa, mais uma vez, seu compromisso com a escola pública, com uma escola de qualidade, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais humana e mais justa. E traz ao público os primeiros resultados de seu compromisso com um trabalho sistemático de registro e preservação da memória do Ensino em Minas Gerais.

ANA MARIA CASASANTA PEIXOTO.



Foca Lisboa, Eber Fatoli, Rodrigo Negrão/CAV

Inauguração

“ERA UMA VEZ UMA ESCOLA conta, sob a forma de uma exposição, um pouco da história da alfabetização, leitura e escrita. Ela foi organizada por um grupo de professores de Faculdade de Educação da UFMG, a pretexto do Ano Internacional da Alfabetização.

ERA UMA VEZ UMA ESCOLA é mais do que uma exposição. Traduz em linguagem museográfica, a memória histórico-pedagógica da escola mineira e demonstra o compromisso da Universidade Federal de Minas Gerais, como instituição por excelência de ensino e pesquisa, com a melhoria da educação pública. Esse compromisso é explicitado sobretudo pela atuação da Faculdade de Educação por meio de um trabalho sistemático de estudos e pesquisas nessa área. A concepção da exposição - o resgate da história do trabalho em Educação em Minas, no período 1900 a 1970 - é produto desse investimento em pesquisa, nas áreas de História da Educação, Alfabetização, Leitura, Escrita.

O material apresentado - fotos, móveis, objetos escolares, livros, documentos, depoimentos - conta um pouco a trajetória da escola: suas condições materiais, a sua organização, o ambiente escolar, a metodologia de ensino. A busca desses

elementos ajudou-nos a desvendar tanto a realidade material da escola, quanto a sua função social. O descaso e o quase abandono em que se encontra a educação mineira - prédios e equipamentos em estado de ruínas: peças de um grande valor histórico abandonadas e sem registro, dispersas, perdidas e desligadas de sua finalidade; professores sem estímulo - estão denunciados neste trabalho.

ERA UMA VEZ UMA ESCOLA não é, porém, tão somente, um momento de denúncia. É também uma tentativa de buscar apoio, de reunir esforços, de chamar a atenção da sociedade para a necessidade de buscar o passado cultural de nossas escolas, ao mesmo tempo em que as nossas preocupações se voltam para a universalização da Educação e para a transformação dessas instituições.

Enfim, o resgate da escola pode ser também o resgate de nossa cultura.”

GLAURA VASQUES DE MIRANDA
RITA AMÉLIA TEIXEIRA DE VILELA

IMPRESSÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO

"Pois bem, o que a princípio pareceu-me uma atividade obrigatória, revelou-se uma visita interessante e proveitosa."

Carlos Aurélio Pimenta de Faria

Aluno do curso de Licenciatura: Prática de Ensino de História da Faculdade de Educação da UFMG.

"O diploma da Glaura, Lili, o Afonso Pena, a música ao fundo - a mesma que a gente cantava! -, o tinteiro skrip, aquela carteira dupla que só podia ser a minha, os quadros de mamíferos - o colégio Afonso Arinos, memórias adolescentes, a música volta - terá sido o Delfim Moreira? -, a, e, i, o, u, Lili me espera inteira na parede da última sala e num canto da memória, e a menina toma conta da professora, cuja tese está na mesma sala - e encadernada, para surpresa da autora -, e de repente, mãe e mestra, me prometo voltar, para reler - re-verter! tudo e mostrar para minhas filhas ..."

Alaide González

Profª da Faculdade de Educação da UFMG.

"Acredito que a exposição ora visitada contribui de forma relevante para a recuperação da memória da educação nacional, constituindo relevante instrumento de formação para atuais e futuros educadores. Assim, parabeno a iniciativa da Faculdade de Educação da UFMG."

Ricardo Martins
CAPES

"ERA UMA VEZ UMA ESCOLA ..."

Não uma escola qualquer, daquelas que fazem parte de nosso cotidiano. Uma escola onde o ensinar e o aprender tinham um sentido, uma dignidade. Essa escola pouco a pouco vai se perdendo, se esvaziando. E nasce uma outra escola: pobre, triste, suja - a escola pública, a escola da maioria. O que perdemos, e por que, é a pergunta que essa escola deixa em nosso pensamento e coração. A trajetória dessa escola é expressa através de uma forma lúcida e sensível. Um olhar mineiro, que sabe das coisas e fala através de silêncios e sons, presenças e ausências. Minha síntese é minha emoção. COMOVENTE.

Obrigada Ana.

Obrigada a todos que nessa exposição me fizeram aprender.

PS: Encontrei minha infância ao rever o livro de Pedrinho, adotado na 1ª série do Grupo Escolar Olavo Bilac.

Resende - RJ - 1960"

Sofia Lerche Vieira
Faculdade de Educação
Universidade Federal do Ceará

"Ver esta exposição foi para mim uma dupla emoção. Revi minha alfabetização e a vida das minhas tias Helena e Salomé Penna que se confundem com a escola em Belo Horizonte e vi a importância da recuperação da memória que vocês tão bem fizeram. Atitudes como esta poderão permitir a compreensão do processo de escolarização no Brasil e a invenção de uma nova escola pública competente e comprometida com todos os segmentos e classes do País.

Parabéns aos organizadores, parabéns à UFMG. Parabéns a MG."

Ana Christina de Andrade Kratz

"Uma bela exposição. Uma iniciativa da maior importância neste ano internacional de alfabetização. É um instrumento para sensibilizar a população sobre o estado de nossa escola. Espero que a imprensa e os meios de comunicação em geral deem bastante divulgação a essa iniciativa para que ela cumpra o seu objetivo de sensibilização. Os organizadores estão de parabéns."

Demerval Saviani

Prof. da Universidade de Campinas

"Visitar uma exposição como esta leva a dois sentimentos: 1. o sucesso dos colegas que a organizaram com tamanha competência (com destaque para Ana Maria Casasanta) e que recebem os visitantes com tanta amabilidade (como Elza Cataldo); e 2. o tanto que precisa ser ainda feito, em MG e em outros Estados para a democratização da escola brasileira.

Meus parabéns à UFMG, à FAE e à equipe responsável."

Luiz Antônio Cunha

Prof. da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Uma iniciativa que merece todos os incentivos, pois sabemos

como é importante, para o povo, a preservação de sua memória. Quando esta é destruída, é muito mais fácil dominá-lo. Parabéns."

Ester Buffa

Profª da Universidade de São Carlos.

"Sonhos, saudade, carinho. E também o enorme valor para a construção de nossa história da educação."

Marlza Vieira da Silva
INEP

"Além das lembranças que a exposição traz pra gente, é inevitável comparar a escola de ontem e a escola de hoje. Parabéns aos professores da Faculdade de Educação da UFMG. Espero que os pais e as crianças da escola pública venham visitar o passado, quem sabe possam aprender a exigir uma escola melhor para si."

José Carlos Libâneo

Universidade Federal de Goiás

"Parece até que foi de propósito. Em 1957, fui nomeada diretora e designada para o Grupo escolar "Dom Silvério Gomes Pimenta", recém construído, no Horto. E, como diretora, fiquei quase 25 anos.

E a prova reproduzida de Língua Pátria foi exatamente a do ano de 1957, aumentando ainda mais a minha saudade. Ver, recordar, sentir e comover-se. Perante tanto material apresentando a história da educação em Minas, o passado volta, tudo adquire vida, parecendo que estamos vivendo aqueles tempos áureos. Áureos, sim, porque neles aprendemos muito, não só conhecimentos, mas atitudes, principalmente.

A professora primária vive na nossa lembrança mais do que outros professores que foram nossos pela vida em marcha de estudantes.

A professora das primeiras letras! Sim, foi ela que nos desvendou o reino encantado de livro, da leitura.

Uma simples carteira antiga, uma cartilha, um tinteiro (e quan-

tos borrões!), o livro de chamada, o livro de matrícula com aquela letra elegante ...

Oh! quantas recordações, e ficamos melancólicos porque tudo acabou e não volta mais. Essa maravilhosa exposição deveria ser permanente."

Elza de Moura

Diretora aposentada da Escola Est. Dom Silvério Gomes Pimenta

"Que bom que, contra as atuais correntes dominantes, Minas começou a organizar nossa memória. Viva a UFMG!"

Nilda Alves

Universidade Federal Fluminense

"...Saber que houve a Escola Tradicional e a Escola Nova, apenas na teoria, é uma coisa. Agora, conhecer essa história através da exposição é poder viver um pouquinho do passado aqui no presente, na nossa realidade."

Ionara Gomes da Silva

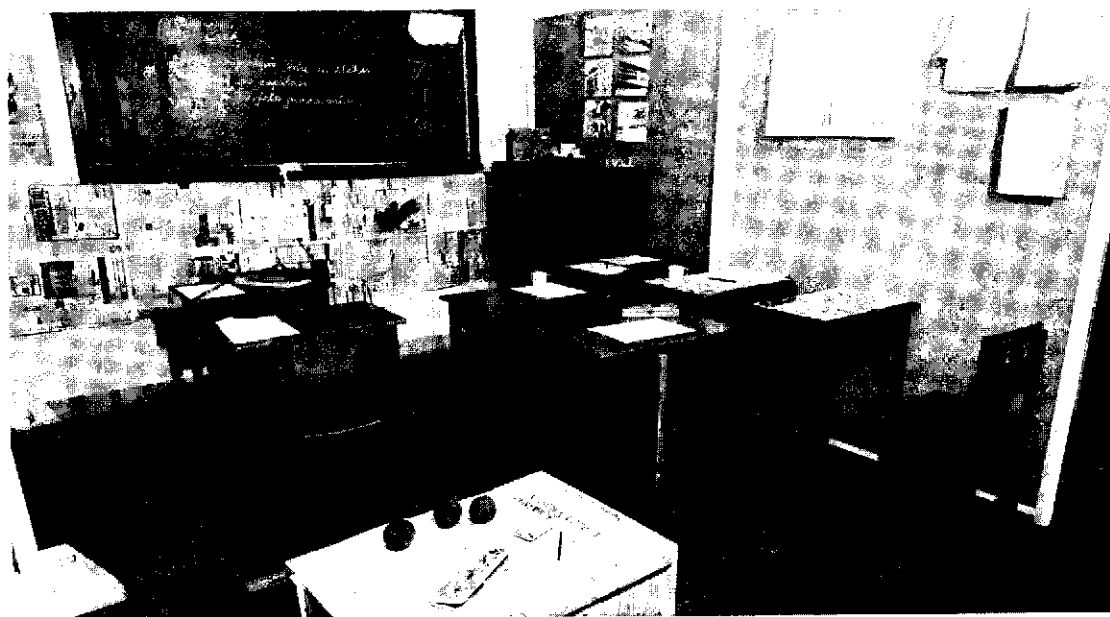
Alunã da Escola Estadual Ordem e Progresso

"Eu gostei da palmatória, da caneta, dos quadros, das carteiras, do disco, da bandeira, mesa do secretário da educação, das taças. Mas não gostaria de estudar aqui. Por causa da palmatória."

Guilherme Pacífico
8 anos

"Aluna que fui da E.E. Lúcio dos Santos, lembrei-me com emoção da escola dos anos 50. O livro de Lili - até hoje de cor e saltado, as carteiras de madeira escura onde assentavam-se um menino e uma menina. Talvez para manter a disciplina, pouca conversa e a pasta de couro no meio do banco a nos separar, não como divisor de águas - mas talvez como divisor de emoções e conversas fiadas. Num abrir e fechar de olhos enxerguei até minha professora, D. Maria da Conceição Rodrigues. Naquela escola também havia um Menino Jesus tal como aqui e só ele sabia de nossos temores quando ao final do ano chegavam os envelopes pardos, fechados, com um conteúdo misterioso - as provas finais. Tenho certeza de ter feito esta prova..."

Lucia Maria Nicodemos Lopes
Supervisora da Escola Estadual Agenor de Sena



Foca Lisboa, Eber Fatoli, Rodrigo Negrão/CAV

“ Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que está do leitor, de ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações.

Experimento a impossibilidade de trancar os sentidos para um repouso. O corpo vivo vive em permanentes e vários níveis de leitura. Não há como ausentar-se, definitivamente, deste enunciado, enquanto somos no mundo. O corpo sabe e duvida.

Reconheço, porém, um momento em que se dá o definitivo acontecimento: a certeza de que o mundo pessoal é insuficiente. Há que buscar a si mesmo na experiência do outro e inteirar-se dela. Tal movimento atenua as fronteiras e a palavra fertiliza o encontro.

Acredito que ler é configurar uma terceira história, construída parceiramente a partir do impulso movedor contido na fragilidade humana, quando dela se toma posse. A fragilidade que funda o homem é a mesma que o inaugura, mas só a palavra anuncia.

A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas. É mais que preparar o aluno para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído.

Fundamental, ao pretender ensinar a leitura, é convocar o aluno para tomar da sua palavra. Ter a palavra é, antes de tudo, munir-se para fazer-se menos indecifrável. Ler é cuidar-se, rompendo com as grades do isolamento. Ler é evadir-se com o outro, sem, contudo, perder-se nas várias faces da palavra. Ler é encantar-se com as diferenças.”

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS



Foca Lisboa, Eber Fatoli, Rodrigo Negrão/CAV

Antes de chegar à escola, fora da escola, até mesmo apesar da escola, a criança vive intensamente um processo de alfabetização: constrói uma concepção da escrita, descobre a natureza do sistema de escrita, compreende a escrita como atividade social que tem determinados usos e que responde a determinadas funções. Na verdade, a escola não alfabetiza: dá continuidade a um processo de alfabetização já em pleno desenvolvimento, quando a criança se submete a ela; a escola alfabetiza crianças que já são "letradas".

"A história da alfabetização é a história da escola. Num mundo letrado e grafocêntrico - em que todas as crianças, seja qual for o grupo social a que pertençam, vivenciam a leitura e a escrita sempre, e muito - é à escola que a sociedade atribui a responsabilidade de alfabetizar.

A história da alfabetização é a história da escola?

No entanto, tem-se pretendido que a escola seja a instância exclusiva do acesso ao mundo da escrita, da aprendizagem do ler e do escrever. Sob o peso dessa responsabilidade que a escola se atribui, e talvez para preservar-se, preservando-a, a escola ignora e, mais que isso, nega o grau de "letramento" daqueles que "alfabetiza": ignora o conceito de escrita que a criança já formou, o que ela já descobriu sobre a natureza do sistema de escrita, o que ela já sabe sobre os usos sociais e as funções da escrita.

Fora das paredes da escola, a criança aprende que a escrita serve para a interação social, quando o interlocutor está ausente - vê cartas, bilhetes, sendo escritos e sendo lidos; aprende que a escrita serve para o registro de informações - convive com documentos, certidões, recibos, carteira de trabalho; aprende que a escrita tem usos instrumentais - vê cheques substituindo notas e moedas, vê contas, vê anúncios, indicações de trânsito, nomes de ruas, de ônibus, adesivos nos automóveis, nas portas e janelas, cartazes de publicidade; aprende ainda que a escrita é veículo de notícias porque vê jornais, revistas, planfetos sendo lidos; e vê também a escrita sendo usada como apoio à memória, em agendas, calendários, cadernetas de endereços, listas de compra.

Entretanto, dentro das paredes da escola:

A bola do bebê rola, rola.

Escreva uma linda história sobre este desenho.

A bananada está na lata.

Copie. Resolva. Complete. Siga o modelo.

Reivindicando a responsabilidade exclusiva pela alfabetização da criança, o que a escola faz é levar o indivíduo a desaprender o uso social, as funções sociais da escrita, e a aprender o uso da escola, a função escolar da escrita e da leitura. E vai assim formando os alfabetizados iletrados: os que sabem ler e escrever, mas não lêem nem escrevem - que fazer com o uso escolar da escrita fora das paredes da escola?

A história da alfabetização é a história da escola!

E se quisermos dar outro rumo à vergonhosa história da alfabetização em nosso país, é à história da escola que temos de dar outro rumo - é a escola que temos de transformar."

MAGDA BECKER SOARES



Foca Lisboa, Eber Faioli, Rodrigo Negro/CAV



Foca Lisboa, Eber Faioli, Rodrigo Negro/CAV

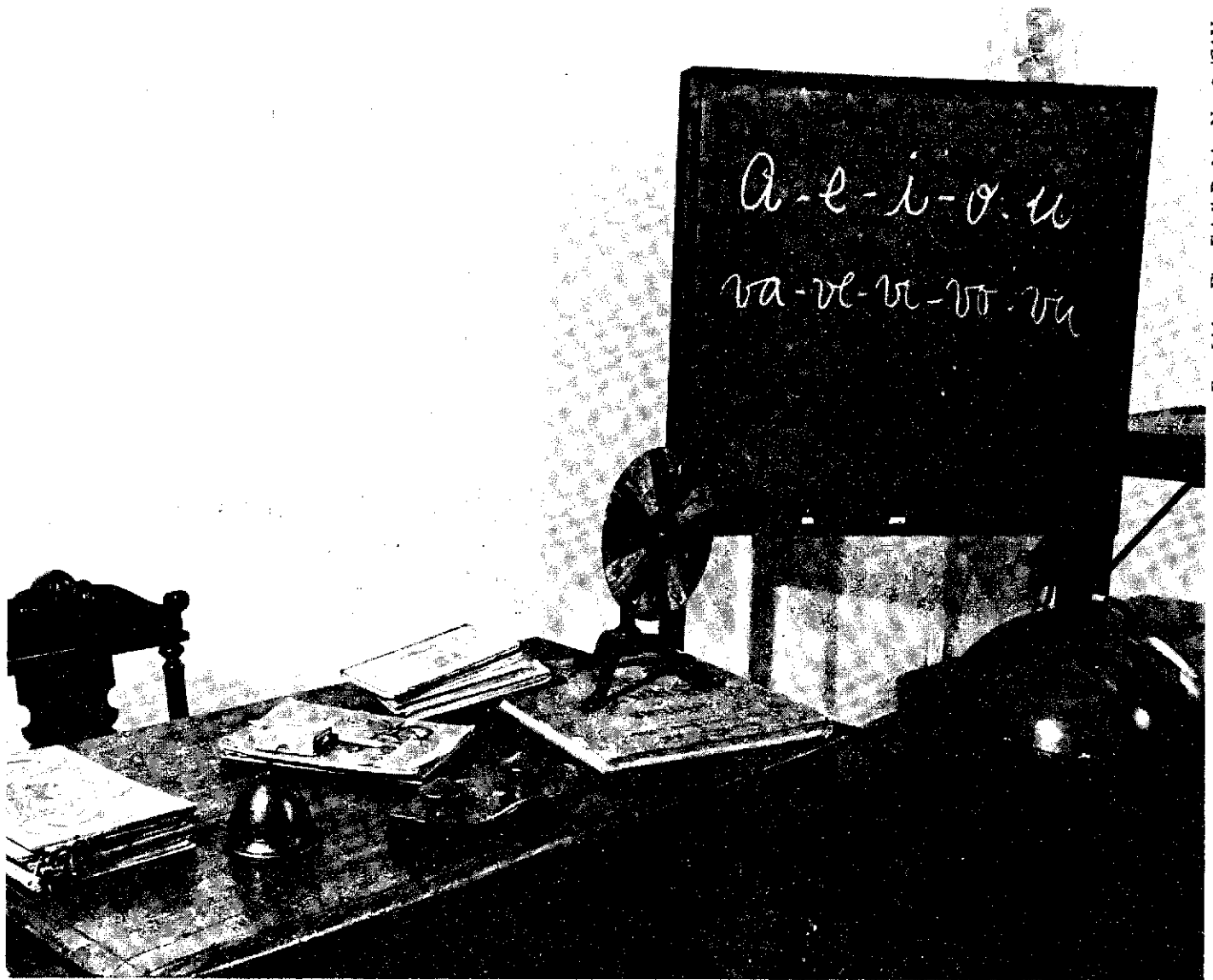


Foto Lisboa, Eber Faioli, Rodrigo Negrão/CAV

PALESTRAS

11/10 - 18:30 horas

Abertura da exposição

- "A formação do professor Alfabetizador"
Alzirina Miranda dos Santos
- "Questões Práticas de Alfabetização"
Maria Mello Garcia
- "Interação Professor Aluno na Alfabetização"
Zenaide Ferreira Fernandes de Oliveira
- "O Construtivismo e a Alfabetização"
Maria Auxiliadora Mattos Pimentel
- "Da Escrita no Cotidiano à Escrita Escolar. Um rito de passagem"
Maria Lúcia Castanheira
- "A alfabetização na Perspectiva Sociopolítica"
Francisca dos Santos Gonçalves
- "No caderno da criança o retrato da Escola"
Vitória Líbia Barreto de Faria
- "Alfabetização no Ensino Especial"
Dóris Anita Freire Costa
- "A Construção do Leitor"
Maria Therezinha Saad Bedran
- "Apropriação da Escrita: aspectos psicogenéticos e sociogenéticos"
Agnela da Silva Giusta
- "A Leitura na Escola"
Antônio Augusto Gomes Batista

FILMES

LISTEN WELL LEARN WELL

Produção Coronet Film/ USA - 10 min. ING

CHALKBOARD UTILIZATION

Dir. Wittich, W. A Produção - Young America

Filmes - 10 min. ING

THE BROADER CONCEPT OF METHOD-PART

Produção - MC GRAW - Hill Fims -13 min. ING

A ESCOLA AGORA É OUTRA

Diretor - Ricnersi,Herbt - 10 min. ING

THE FELTBOARD IN TEACHING

Diretor - Hoot,Edward - 15 min. ING

ESCOLA EM NOSSOS DIAS

Produção - Centro Regional de Pesquisa Educacional - 15 min. PORT

CHALKBOARD UTILIZATION 15 min. - ING

SKIPPY AND THE 3 RRR 'S

35 min. - ING

ALÉM DA SALA DE AULA 15 MIN - PORT

PROJETO ALFA

Programa de revitalização da Escola de 1º Grau que aponta novas perspectivas e caminhos para a função educativa. Promoção da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais - 1977.

VÍDEOS

ESCRITA

A evolução dos Sistemas de escrita desde os primeiros pictogramas e ideogramas sumérios, egípcios e chineses.

Foca Lisboa, Eber Faioli, Rodrigo Negro/Cav



CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Crianças em processo de alfabetização são entrevistadas para serem analisadas à luz das teorias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky

PATA NADA

Mostra uma situação de confronto entre dois meios de acesso à informação: a leitura e a TV

MOGI GUAÇU

Mostra uma experiência educacional realizada na cidade de Mogi Guaçu

EU, PROFESSOR LEIGO

Mostra sobre a vida de professores e alunos numa região do Rio Grande do Norte. As dificuldades na formação e a falta de recursos materiais e humanos

EVA, VICENTE

Mostra a vida cotidiana das crianças que habitam o meio rural, no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais

ESCOLA ABERTA DE CALABAR

Escola de negros. Produção pró-memória

JORNADA ÚNICA

Documentário sobre a Alfabetização. 32 m FDE

XOMINDO

Alfabetização em Ibitité

MANULENGO

Só Riso. Rio de Janeiro. Secretaria da Cultura - 1984. Vídeo 18 min. Dir. Fernando Santos

PRUDENTE DE MORAIS

Rio de Janeiro - Mobral. Experiência Comunitária em Educação - 1984.

FICHA TÉCNICA

Reitora da UFMG
Vice-Reitor da UFMG
Diretora da Faculdade de Educação
Vice-Diretora de Faculdade de Educação
Pesquisa Histórica
Centro de extensão
Comissão

Vanessa Guimarães Pinto
Evandro Mirra de Paula e Silva

Glaura Vasques de Miranda

Rita Amélia Teixeira Vilela
Ana Maria Casasanta Peixoto
Elza Vidal de Castro
Bartolomeu Campos Queirós
Cecília Puntel Motta de Moura
Magda Becker Soares
Maria Antonieta Bianchi
Maria Therezinha Barude Fernandes
Raimundo Nonato Fernandes

Curadoria e Projeto
Museográfico

Luiz Augusto de Lima
Assistentes: Amarilis Coelho Coragem
Márcia Regina Silviano Brandão

Estagiárias do Curso de
Pedagogia

Isabel do Rosário Madeira Monteiro
Jussara Tereza dos Santos Gonçalves Lucas
Maria Margareth Maia
José Adolfo Moura
Luiz Guimarães Maia
Lúcia Assis Alves
Maria Magali de Macedo Marques
Rojane de Castro Batista
Nelson Ribeiro de Oliveira
Nélio Antonio de Assis

Sonorização

Secretárias

Apoio administrativo